

A MEMORIA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção e impressão, Typographia SILVA CALDAS
Rua da Rainha, 126

Responsavel
Domingos José da Silva

GUIMARÃES, DOMINGO 17 DE MARÇO DE 1901

A TUBERCULOSE

Da camara dos dignos pares do Reino, o nosso illustre conterraneo sr. conde de Margaride pediu ha dias a revogação da lei que collectou as instituições de beneficencia e caridade com 10^{to} para o combate da tuberculose, segundo a iniciativa da Rainha.

Muita gente reconhece a improficuidade d'esta iniciativa, provado, como está, que os projectados Sanatorios serão, desde o seu inicio, considerados edificios e locais horrorisantes para as proprias victimas; mas isto, que se pensa, diz-se a meia voz com receio de contrariar os esforços tão louvaveis de S. M. a rainha sr.^a D. Maria Amelia.

Apenas o nobre conde de Margaride, que sabe sempre interpretar as necessidades publicas, se abalançou a pedir a revogação d'uma lei odiosa, não pelos fins a que visa, mas porque veio tornar mais difficil a já atribulada vida das corporações beneficentes do nosso pobre paiz.

Agora perguntamos nós: quem não terá notado que os phisicos indigentes, obrigados á alimentação grosseira e por vezes insufficiente, dormindo sobre farrapos, habitando casebres insalubres, são os que mais resistem aos estragos da molestia e sempre percorrendo as ruas estendendo a mão á caridade? E' isso o que se está vendo a cada passo.

As camaras municipaes podem, sem grande dispendio, e com o auxilio da classe medica, estabelecer uma commissão que tenha por fim visitar semestralmente os domicilios das classes pobres e indicar aos chefes de familia, em folhetos profusamente distribuidos, para que estes os leiam ou façam ler, o que mais convém á sua alimentação, ao seu viver, etc., etc., visto que as naturezas d'agora são menos resistentes, os generos alimenticios viciados e muitas vezes a propria alimentação deficiente, porque os nossos artistas, hoje em dia, preferem ao caldo verde e á boróa, o café-sinho e o trigo!

Tudo isto e o desregramento de vida coopera para a propagação do mal que dizima a humanidade sem uma unica esperanza de o deter na carreira, porque as tentativas da sciencia medica nada conseguiram nem conseguirão jámais.

E' portanto indispensavel combater de prompto a tuberculose ou antes evitar que os terriveis *cogumelos* se formem á superficie dos pulmões e de todos os nossos orgãos affectaveis, não com essa ostentação de Sanatorios inuteis, na séde de um ou outro Districto administrativo, a depauperarem as nossas instituições de soccorro á penuria, mas com uma instituição semelhante á dos bombeiros voluntarios de Braga que tantas existencias tem amparado na crise mais temerosa d'esses que descem a passos lentos os degraus do tumulo!

A nossa benemerita corporação de bombeiros voluntarios, uma das mais bem organisadas do reino, merecerá geraes louvores se tomar a iniciativa d'esta missão altamente caritativa.

EU

Eu que me vejo pallido e curvado,
Veias sem sangue, pulso sem vigor,
Nasci nas velhas terras do Coudado,
Berço d'um povo heroico e luctador.

Tu, meu avô materno, eras soldado;
Tu, meu avô paterno, cavador.
A' Patria, com a espada, com o arado,
Destez-lhe o sangue, destes-lhe o suor.

E em mim ha todo o horror da Decadencia!
Valentes! se esta inutil existencia
Visseis agora o que dirieis vós?

Em soluços d'angustia suffocados,
Morrerieis novamente, envergonhados. . .
Dormi, não desperteis, ó meus avós!

Porto.

RODRIGO SOLANO.

Poétas mortos

(Continuado do n.º 26)

Entrámos, eu e o Coimbra de braço
dado, e foi com voz trémula e sumida que
pronunciei a primeira phrase da scena pri-
meira:

Conselheiro (entrando)—Já vês que sou
capaz de cumprir o que prometto.

Emilia—É por acaso duvidei-o eu algu-
ma vez?

Conselheiro—Bem sei que não.

Ainda eu não tinha acabado de pronun-
ciar a ultima palavra quando ouvimos a voz
do Carlos d'Almeida gritar:

—Mais alto! Muito mais alto,

Fiquei um pouco atrapalhado com aquelle
áparte que não era da peça; depois, enquanto
a *minha cara metade* discursava ácerca das
obrigações que um marido amavel e condes-
cendente deverá ter para com a esposa, fui co-
brando animo, distinguindo melhor as pessoas
que enchiam o theatro, desapareceu o veu
que me toldava a vista, cumprimentei até o
regente da orchestra, o bondoso Santos, e até
tive tempo para dizer com os meus botões:

—Bem dizia o ensaiador; o que custa são
as primeiras palavras, depois aquece-se e real-
mente já me sentia *quente*—effeitos do cham-
pagne?—e tanto que foi com voz de stentor
que respondi a Emilia:

—Menina, parece-me que exageras um
pouco discorrendo d'esse modo a respeito dos
deveres d'um marido. Peço portanto licença
para a prevenir de que lhe satisfarei todos os
desejos razoaveis, que lhe darei os divertimen-
tos que forem compatíveis com. . .

Mais uma vez se ouviu a voz colerica do
ensaiador que gritou: Arre! Caramba! Não é
necessario berrar d'essa maneira! mais piano,
mais piano. . .

Ao passo que *minha mulher* me retorquia,
fui-me chegando para o lado da scena d'onde
viera a voz do Carlos d'Almeida e exclamei
lá para dentro:—

—Vá para o diabo que o carrêgue! Hei-
de berrar o que eu quizer!

Decididamente estava *quente, quentissimo!*

—Assim continuou a comedia até á scena
V em que entrou o Hilario que, como já disse,
fazia o papel de Augusto, o *galan* da peça.

Logo no monólogo o Hilario empolgou a
atenção do selecto auditorio. Nunca vi um
amador com tão raras e preciosas qualidades,
com tanta inclinação para o palco. Era admi-
ravel de naturalidade; pisava o palco como se
pisasse o soalho do seu pobre quarto de estu-
dante. O publico estava maravilhado, electri-
sado; e porisso, aclamou-o delirantemente fa-
zendo d'elle o heroe da noite!

Casa d'Arca
15-3-901.

VASCO LEÃO.

JUNTO AO TUMULO DE AFFONSO HENRIQUES

Estava uma tarde pallida de outono.

A mocidade ria, por aquellas ruas aspe-
ras de Coimbra, tam alegre e desprezadita,
como usa de andar a mocidade pujante, que é
a esperanza do lar e a esperanza do futuro,
tam alegre e desprezadita como as folhas ao
capricho dos ventos, nos poentes tristes da
quadra monótona das tuberculoses.

Alegre a mocidade, pallida a tarde. . .

Entreí em Santa Cruz—ia visitar Affonso
Henriques, o rei primeiro, o homem destemi-
do, o filho rebelde, o salteador, impune, o
conterraneo illustre nos annuaes da historia e
nas paginas da carnificina.

Silencio. Os ultimos clarões dum dia a
feneceer. Tremulava a luz nas alampadas dan-
do tregeitos macabros ás imagens. Da rua
chegavam tons indecisos de gargalhadas estri-
dulas.

Assentei-me e olhei o tumulo.

O sacristão, ao passar, resinou umas
pragas, olhando-me desconfiado—ou louco, ou
poeta.

Desde 6 de dezembro de 1185, que dor-
mia, ali, na campa de ornatos manuelinos, o
sonno inquebrantavel e frio da morte, o que
em vida formára a nacionalidade portugueza,
levantando a fidalguia guerreira que, atravez
dos seculos, viera feneceer, aniquilada e ridi-
cula, em nossos dias, construindo mosteiros,
arredondando o territorio em lutas continuas e
em continuas polejas com os mouros. Fôra um
heroe de batalha e um batalhador de ener-
gia.

Queria consultal-o, conversar com elle da
mesquinhez do reino, da bancarrota nacional,
dos desvarios dos portuguezes, queria ouvir-o
increpar-me e increpar-nos, na tua zo nbaria
amarga, a que o aspecto vetusto e cadaverico
imprimira um cunho indolevel de desespero o
de terror.

Affonso Henriques, Affonso Henriques!

E ia desafiando as cinzas, qual Eujuni desafiara outr'ora o infante, tal era o meu desejo de o ouvir.

Estremeci num calafrio, estremeci de panno e estremeci de horror...

Em pé, em esqueleto perfeito, Affonso Henriques batia os queixos numa risada de mau humôr, e me disse em tom soturno:

—«A que vens? Não é em vão, nem impunemente que saio da campa e fallo a estrangeiros...»

—«Mas, real senhor, sou portuguez de raça e de sentimento.»

—«Portugal foi, Portugal não é.»

E eu, meio aturdido com aquella de o rei florear a phrase, balbuciei:

—«E aqui me trouxe, grande rei, o desejo immenso e o immenso gosto de vos ouvir dissertar d'este vosso reino e dos males que o affligem.»

—«Já me não preocupam essas ninharias. Fiz o que poude e poude muito. Desbaratei mouros o corri essa villanagem poltrona, que dominava essa faixa de terreno, em que reinei. Nada mais tenho com ella. Que se governem. Anda essa jornalístagem a berrar:

—«Se El-Rei Affonso Henriques cá tornasse!»

Reprobos. Não me largam. Não me importa. Vai e dize-o.»

—«Mas fallemos então das vossas lutas heroínas, das nossas peljas intrepidas.»

—«Bajularam-nas os historiadores. Vai e lê-as.»

—«Comprehendo, Magestade, que vim em mau dia. Desculpai.»

—«Não. De outro azo vos mandaria tambem em paz com taes assumptos. Aborrecem-me.

E, a proposito, então o meu castello permanece como monumento historico ou é encosto de sensualidades nocturnas?

—«Não o sei, Senhor.»

—«Melhor que eu, quicá. E' a cobardia.»

—«Mas...»

—«Em meus tempos galanteavam-se donzeis e damas pelos salões, é isso verdade.»

—«Talvez seja a continuação desses feitos, uma continuação historica.»

—«Recorda-me dizer-te que não me agrada muito andar cá por baixo a figurar em theatrinhos.»

—«Ignoro a causa...»

—«E' que o conde de Trava não andou mal no seu papel e tinha melhor figura bellica e mais denôdo.»

—«Ah! Ah! Ah!»

E... quando ia replicar-lhe uma ironia ouvi o estrondo da campa, para onde voltára El-Rei.

O sacristão convidou-me a sair.

Coimbra, 22—3—1901.

(Continúa)

E. D'A. J.

Oh! As mulheres!...

(Continuado do n.º 22)

Largos raios de sol, onde havia poeira d'ouro dansando, entravam pela porta aberta e ampla, indo tombar em reflexos chammejantes nos pés de ferro das mezas, umas mezas de marmore, onde o tempo puzera grandes manchas amarellas e a que as mangas dos casacos de muitas gerações bohemias dera o brilho de marfim antigo.

Sentado atraz do balcão o Camanho dormitava, placido e gordo, as mãos cruzadas sobre a pança, um fio de baba a correr-lhe pelas longas suíças brancas...

De cima d'uma meza o gatarrão negro formava, em nervosas contracções felinas, saltos cubiçosos ás moscas que pacificamente esvoaçavam por sobre um dos pannos de gaze. Preciosos pannos de gaze, aquelles!...

D'uma côr indecisa, que talvez, em tempos idos, tivesse sido côr de rosa, elles cobriam, resguardavam, em não menos preciosos quadros ovaes, largamente emoldurados em caixilhos doirados, onde, acompanhando rotulos e medalhas, se liam em letras de côres berrantes, annuncios das mais afamadas marcas de cerveja ingleza.

E aquelles tres quadros constituíam o unico ornamento das paredes d'uma côr monotonamente escura, e que eram encimadas a toda a volta por uma extensa prateleira gradeada, onde dormiam legiões e legiões de garrafas de todas as especies e feitios intactamente embrulhadas em papeis de seda, a que uma espessa, uma negra camada de pó esbatia, apagava as côres alegres, em que predominava o verde...

N'uma fita sombria de parede, entre as duas portas de largura desigual, rebrilhava nitida, muito fria a superficie branca d'um espelho...

Sentado na minha frente, os olhos no tecto, o corpo recostado para traz, o meu amigo recolhera-se a um silencio meditativo, o silencio de quem classifica e liga, scenas, dialogos, factos, abandonados, perdidos pelos escaninhos profundos da memoria.

Longe de mim perturba-lo, interroga-lo. Tanto mais que agora o Pedro deitava cuidadosamente as cervejas e eu tenho o habito pueril de olhar a espuma subir, crescer no copo, com uma attenção e um prazer quasi infantis...

Depois de sorver um longo trago o meu amigo começou:

—Este Ruy de Castro é filho d'um fidalgo rico, que vive n'uma magnifica quinta ahi para o Minho. Desde muito novo o rapaz manifestava um gosto notavel e precoce pela litteratura, gosto que se manifestava no collegio em que estivera interno a fazer os preparatorios, por subtracções de livros sem conta da bibliotheca do director.

por meio de chave falsa, livros que eram devorados no estudo, no recreio, no dormitório emfim, em toda a parte onde podessem escapar ao olhar Inquisitorial do prefeito.

O pae nunca ligou importancia a essas coisas, não contrariando nunca os desejos do filho.

Terminados os preparatorios o rapaz vae para Coimbra formar-se em direito. Andou tres annos no primeiro anno, gastou um dinheirão ao pae, mas em compensação encheu todas as revistas existentes, todos os jornaes de provincia de versos pessimistas, e foi chamado *talentoso poeta* por criticos que nem tinham talento, nem eram poetas.

Depois começou a estudar e no quarto anno fundou uma revista que dirigia, revista que encheu de bellas chronicas e que, ao contrario de quasi todas as outras, durou até ao fim da sua formatura.

Terminada a formatura foi viver uns tempos para a quinta com o pae que lhe entregou a legitima materna—a mãe morrera quando elle estudava em Coimbra—e que lhe deu toda a liberdade, na escolha de vida. Depois de purificar os pulmões e escrever quasi todo o *Livro d'um meridional*, veio para o Porto, a pretexto de fazer concurso no sentido de seguir a magistratura, e aqui publicou o livro que, como sabes, teve um bello exito fazendo-lhe um bocado de nome.

Porto.

(Continua)

CASTRO LOPES.

Cartas a V. Ex.^{as}

✠ — ✠ — ✠

(Conclusão da 2.^a carta)

Senhoras minhas ;

Porém quando a mulher sente dentro em si um grande alento, uma enorme impulsão e conscienciosamente adivinha a sua vocação, é então o patentear-lhe em toda a sua plenitude a grande, a enorme area do saber para a qual a sua alma sente o estímulo consolador.

Mas repara bem, senhoras, que é só n'este caso, excepcionalmente, que a mulher, quer seja rica, quer seja pobre, quer seja nobre, quer seja plebeia, se deve embrenhar nessa como que floresta virgem em que muitas vezes se encontra, por uma incoherente consequencia, a morte moral, a peor de todas.

Porque, se a mulher a quem a natureza não cedeu a menor scintilla de luz que lhe illumine a vereda ençetada, se propõe tomar esse caminho, oh ! então, (perdoe-me o dizer-vol-o) essa mulher é ridicula e d'um ridiculismo que produz lagrimas. E infelizmente para todos nós esta é a regra geral. Por toda a parte nascem, apparecem e desapare-

cem as litteratas sem merito e sem talento, banaes e quixotoseas, as artistas sem arte, as sabias sem sciencia e as intellectuaes sem conhecimentos. Causa-nos dó vel-as assim na rampa do theatro da vida expostas ao primeiro canalla que lhe lança, de passagem, a lama que lhe conspurca o caracter. Tenho então pena de vós, oh ! mulheres, e sobretudo quando me lembro quanto poderieis ser bellas na grandiosa tarefa do lar, em que muito ha que ensinar e muitissimo que aprender.

Como mães, como filhas ou como irmãs lembrae-vos que todas sois grandes quando queiraes sel-o.

Como mães, primeiro que tudo, tendes a educação de vossos filhos, as tenras vergonzeas que hão de ser no futuro os homens que defenderão a sua patria, as arvores que ornamentarão a vasta campina de Portugal, ora tão infelíz e decrepito e cuja salvação depende de vós oh ! mães !

Educae-os no santo amor da familia, no puro amor da patria, no sublime amor da humanidade !

Voltemos a pagina e examinemos, placidamente, qual a actual educação intellectual que se vos ministra.

Se sois nobres, se pertenceis á alta (já agora chamemos-lhe assim) teudes, sem duvida, uma grande e manifesta superioridade sobre as outras classes de mulheres. Absolutamente isentas de cuidados de dinheiro ou *nome*, educadas n'uma elevada scala social em que a fina linha primitiva é uma pura questão de hereditariedades em que a velha raça peninsular, superiormente educada se estampa no classico puritanismo, sois vós, que, sob o ponto de vista intellectual, levaes a palma a todas as outras vossas companheiras.

Educadas em collegio estrangeiro ou em vossa propria casa pela classica *miss* d'aspecto severo, esquelético e frio em quem os gestos parecem ser o resultado d'um laborioso problema de geometria, e a quem as palavras saem fria e rapidamente n'um seco laconismo britanico, agradaes-nos mais pela vossa apresentação na sociedade, pela vossa conversa, pela vossa modestia.

Se sois a mulher endinheirada e banal qual a educação intellectual que vos ministram nos collegios? Elegantes, valsando admiravelmente, sabendo de cór meia duzia de banalidades romanescas que um dia encontrareis, por acaso, nas paginas platonicas d'um romance barato, sobre tudo d'uma barateza intellectual ridicula, sem a menor hestethica, recitando *ad hoc* algumas phrases banaes em francez ou inglez que no collegio vos inocularam em successivas doses de arsenico grammatical, com sua orthographia e peor syntaxe, tocando no piano umas musicasinhas melifluas, sem gosto e sem arte, eis tudo quanto pode dar em resumir a vossa educação de mulheres *ricas*.

Se descermos mais abaixo então a desillusão é atrás; analfabetas ou quasi isso, a maior parte das mulheres plebeias não são capazes pelo acanhado da sua direcção intellectual nem sequer de administrar, competentemente a sua casa.

Eis, com toda a verdade, o vosso actual estado intellectual, senhoras.

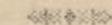
De V. Ex.^{as}

velho admirador

Guimarães, 22—II—901.

SILVIO.

Ultimos alentos



À MINHA MAIOR AMIGA:

Lembras-te d'aquella lagrima resequida que tu me arrancaste de peito e escondeste no teu seio? Que loucura! que negro presagio a ensombrar as esperanças d'aquelle meu immenso amor!... Aquella lagrima, alli, no teu peito era o germen maldito, era a prophécia inexoravel d'esta immensa desventura que esmagou todos os meus sonhos d'amor!

Dize-me, Maria, que fizeste d'aquella lagrima?...

Talvez que de roxo no pó, desfeita, ella ainda hoje seja a sombra infinita que escurece, até aos paramos mais longiquos, o meu destino!

Talvez!... E eu não tive forças para t'a arrancar do peito, deixei-a ficar e—louco!— não vi que com ella deixava uma vida inteira d'illusões de esperanças, de sonhos!

Ouve, Maria! Tu despedaçaste as ultimas fibras d'un coração que amou sempre, sempre com vehemencia, sempre com loucura! Despedaçaste-l'ol! O teu olhar de fogo calcinou-lhe todas as suas esperanças, todas as suas paixões!

Olha... nunca mais hei-de amar!

Nunca mais. Amores ideaes, puros, santos, como os que eu tive hei-deos calcar, terrivel, no mais recondito da minha alma!

O coração que eu tiuha, ingenuo e casto, grande e immenso nas suas affeições, hei-de o arrancar do peito e has-de ser tu que o has-de amortallar, que o has-de sepultar para sempre nos abysmos insondaveis da tua alma incomprehensivel!...

Eu amei muito, soffri muito. Passei horas immensas de dôr, dias inteiros d'amargura! O meu caminho tem sido sempre semeado de lagrimas. Aqui e alli uma luz brilhará—uma illusão—mas logo ao pé uma sombra—o desengano. Sinto-me cansado; as forças que a esperança me dava abandonaram-me. Sinto-me triste e só, só no meio do descalabro da minha vida, só entre as ruínas da minha alma, sem um amparo sem um arrimo.

Tive um dia um sonho. Sonhei que a mulher era o arjo bendito, o balsamo dulcificante que dá forças á alma, aspirações ao homem!

Foi um sonho, uma chimera! Sonhos... leva-os o vento do desengano para nunca mais voltarem. Aquelle sonho enganou-me. Não me deixou ver que o coração da mulher é sempre coroado de espinhos que sem dó trespassam os loucos que d'elle se approximam.

E eu acreditei nelle; acreditei nelle e fui desgraçado!

Ah! ditosos aquelles que nunca sentiram no peito palpitar com violencia, com phrenesi o coração! Ditosos os que nunca provaram do calix d'amargura que o amor nos traz! Ditosos aquelles que só abrigam no lugar do coração uma placea onde se lê—sensualismo!

Esses sim! esses são os ditosos que jámais saberão o que é soffrer, o que é ser desgraçado!...

18—2—901.

ANTHISTENES.

CHRONICA DE COIMBRA

Um passeio a Lavos

O Jorge ainda tentou repontar, mas meu irmão cortou-lhe a palavra, desenrolando uma torrente oratoria de disparates aformoseados pela intonação e gesticulação comicas que o caracterisam.

—«Meus senhores!... Na epopêa entusiastica da psychologia humana scintilla a imagem avelludada d'uma emphase poetica a reflectir...»

—«Ih! O que ahi vae d'asneiras!» disse o Eduardo soltando uma gargalhada.

—«Meus senhores!» continuou o Zé.

«Tenho a advertil-os de que não admitto reflexões!» e bateu com o copo em cima da mesa.

—«Bem; acabemos com isto. Vamos á Missa que é hoje dia de Todos os Santos» lembrei eu.

—«Concordo plenamente com isso, e proponho que, acabada a cerimonia religiosa, vamos todos cumprimentar o Prior, que é homem generoso e que, por consequente, nos convidará a termos o pequeno *incommodo* de provar a sua deliciosa pinga de vinho do Alto-Douro ou do... do que elle tiver de melhorinho. E como esse convite é mais que certo e nós, pela subida delicadeza que nos caracteriza, devemos mostrar-nos profundamente gratos ante a sua gentileza, desde já lembro aos *comilhões* presentes a feliz idéa de encarregarmos o Alberto Jorge de fazer perante sua Rev.^a o devido discurso... «E vocês verão como o homem repete o convite». Tal foi a proposta do comico orador. Approvada.

Chamei a criada e perguntei-lhe a que horas seria a missa; ao que ella respondeu que devia começar perto das dez.

Como já eram nove e meia, levantamos da mesa e... depois de poucos minutos já seguimos estrada fóra a caminho da Igreja. De casa lá ainda era um bom kilometro, e por conseguinte tivemos que apressar o passo.

A meio do caminho paramos.

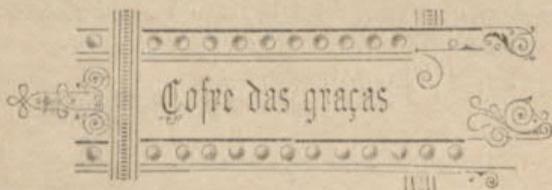
O Jorge precisou de se saciar com algumas duzias de *Ferreirinhas*. Tínhamos parado á porta d'uma pequena loja... de uma grande confusão de productos de toda a especie.

Era um genuino estabelecimento de aldeia.

(Continuar.)

Coimbra 8-3-1901.

FERALDO FLAVIO.



Fazem annos as ex.^{mas} snr.^{as} :

Dia 18—D. Maria do Carmo Ribeiro de Castro.

Dia 23—D. Leonor Lucinda d'Oliveira Cardoso.

E o Ex.^{mo} Snr. :

Dia 19—Dr. Joaquim José de Meira.

Notas intimas

Acompanhados de sua ex.^{ma} familia, já se encontram n'esta cidade os nobres Condes de Margaride, que estiveram algum tempo em Lisboa.

Ha dias que se encontra levemente doente, aguardando o leite, o snr. Padre Gaspar Roriz, dignissimo commissario da V. O. T. de S. Francisco.

Estimamos devéras as melhoras do illustrado enfermo.

Tambem está doente o snr. Francisco José Ferreira Ribeiro.

Estimamos as suas melhoras.

Casos e Occurrencias

Contrariada

E' o titulo d'um romance realista de costumes modernos que o nosso presado collaborador o ex.^{mo} snr. Annibal Vasco Leão está a escrever, o qual será editado pelo conhecido editor portuense snr. Novaes Junior, com um prefacio d'um dos principais homens de letras do nosso paiz.

O romance, segundo nos consta, é a historia d'uma rica herdeira que se apaixonou por um pobre pintor e que, contrariada n'esse amor pelos paes, resolveu, attingindo a maior idade, entrar para um convento, visto que o proprio pae mandou assassinar o eleito do seu coração. Essa rapariga vingou-se depois envergonhando os paes com a sua conducta pessima; já no convento, já nas ruas de Lisboa.

Ha n'estas poucas palavras uma pequena ideia do que deve ser o trabalho do snr. Vasco Leão.

Ansiosamente esperamos essas paginas de leitura apreciavel revestidas de franca realidade.

JARDIM PUBLICO

A banda regimental executará hoje, se o tempo o permittir, da 1 ás 3 horas da tarde, o programma seguinte :

Primeira parte

Hymno Nacional.

O quarto de hora—Polka—Moraes.

Otello—Pot-pourri—Verdi.

Souvenir de Lisbonne—Mazurka—Joseph Barin.

Segunda parte

Amor de mulher—Mazurka—Nicolau.

Mignon—Fantezia—A. Thomaz.

O Convalescente—Ordinario—Pina.

Procissão de Passos

A méssa da Real Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, já mandou distribuir o programma da formosa procissão que deve realisar-se n'esta cidade, se o tempo o permittir, no proximo domingo 24 do corrente.

Pode dizer-se que é a melhor procissão que se faz n'esta cidade, pois que, as riquissimas alfaias, o grande numero de anjinhos e boa ordem a tornam verdadeiramente apreciavel e distincta.

Louvavel lembrança

O Centro Operario Sarmentino Vimaranesense, desejando possuir na sala das suas sessões o retrato do finado archeologo dr. Francisco Martins Sarmento, resolveu fazer uma rifa d'um objecto d'ouro, feito expressamente para tal fim.

Não podemos deixar de applaudir a lembrança por ser um testemunho da muita affeição prestada á memoria do grande vimaranense.

Egreja de S. João das Caldas

São concorrentes a esta igreja parochial 13 ecclesiasticos, entre os quaes o actual parochio de S. Sebastião, rev.^o Manoel Duarte Goja.

Parabens aos *Sebastianistas*, se o n.^o 13 não fôr, como de costume, fatidico...

Sociedade Martins Sarmiento

Continuação da subscrição promovida para o augmento do seu edificio:

Transporte.	1:779\$600
Sua Magestade El-Rei	200\$000
Conselheiro Dom Prior Manoel d'Albuquerque	20\$000
Antonio José da Silva Basto	10\$000
Dr. Antonio José da Silva Basto Junior	10\$000
Dr. Joaquim José Gonçalves Teixeira de Queiroz	5\$000
Francisco Guedes Junior	2\$500
Joaquim José Pereira	2\$000
José Rodrigues Junior (S. Martinho de Candoso)	2\$000
Paulo Machado	5\$000
Candido José de Carvalho	5\$000
Antonio d'Assumpção Pires	10\$000
Manoel Dionizio	5\$000
João Pereira Mendes	2\$500
Antonio Pereira Mendes	2\$000
Dr. Manoel Marinho de Castro Falcão (Santo Thyrso)	50\$000
José Ribeiro Martins da Costa	15\$000
Dr. Dylilio Ayres Pereira do Valle (Porto)	20\$000
Bento dos Santos Costa	5\$000
Francisco de Freitas	15\$500
Manoel Rodrigues Guimarães—(S. Martinho de Candoso)	1\$000
Francisco Rodrigues Guimarães—(S. Martinho de Candoso)	1\$000
Manoel Joaquim Affonso Barbosa	2\$000
Manoel Luiz Carreira	5\$000
Antonio Luiz Carreira	2\$000
Julio Antonio Cardoso	5\$000
D. Maria Caldas	10\$000
Dr. Alberto Ribeiro de Faria (S. Torquato)	5\$000
Dr. Alberto d'Oliveira L. b)	5\$000
José Maria do Souto	2\$000
José do Amaral Ferreira	5\$000
José Maria Leite	5\$000
Custodio José Peixoto e Antonio José Peixoto	2\$000
Comendador Manoel José Teixeira	5\$000
D. Custodia Carmina da Costa Sampaio	2\$000
João José da Cunha e Abilio Alfredo da Silva e Cunha	18\$500
Antonio Luiz Guimarães	1\$000
D. Lucinda Olympia da Rocha	1\$000
Visconde de Pindella—(Berlim)	1\$000

2:227\$600

Á illustre vereação

Com o applauso de toda a gente estão sendo collocados os mictorios que se achavam na disponibilidade do serviço á entrada do edificio da Administração do Concelho.

Ha porém um clamor geral contra o que se acha montado junto da igreja da Misericórdia, não só pela impropriedade do local, mas tambem e principalmente porque desfeia muitissimo a rua da Rainha, uma das principaes da cidade. Não poderia sair d'alli para o lado fronteiro, esquina do largo, a alinhar com a casa dos Coutos?

Para a resolução camararia não temos senão louvores muito sinceros pelo bons serviços que veio prestar ao publico. Está da indole do nosso jornal não regatear louvores a quem os merecer; e por isso aproveitamos o ensejo para tambem significar a nossa approvação ao zelo do digno vereador da limpeza das ruas.

A remoção do mictorio da Misericórdia seria um optimo serviço.

Noticias militares

Pelo ministerio da guerra foram concedidos 30 dias de licença do regulamento disciplinar ao snr. tenente-coronel d'infanteria n.º 20 José Joaquim Simões de Campos, que partiu para Lisboa no dia 10 do corrente.

Pela licença do snr. tenente-coronel Campos passou a exercer interinamente estas funcções, o snr. major Irminio Eduardo Tito Barreto e a commandar o 1.º batalhão do mesmo regimento o snr. capitão Antonio Emilio de Quadros Flôres.

Pela ultima ordem do exercito foi promovido a capitão para o districto de reserva n.º 16, o snr. tenente do regimento de infanteria n.º 20, Affonso Mendes, a quem endereçamos as nossas felicitações.

Partiu hoje para Braga afim d'assumir o commando da 5.ª brigada d'infanteria, o ex.º coronel d'infanteria n.º 20, Antonio Eduardo Alves de Noronha, assumindo o commando do regimento, pelo motivo acima indicado, o snr. major Irminio Eduardo Tito Barreto, e passando a desempenhar as funcções de tenente-coronel o snr. capitão Antonio Emilio de Quadros Flores e as de commandante do 1.º batalhão o snr. capitão Antonio Augusto d'Oliveira Guimarães.

Pelo mesmo motivo assumiu o commando militar d'esta cidade o snr. tenente-coronel commandante do districto de reserva n.º 16, José Maria d'Almeida.

A MEMORIA

Preço da assignatura

Cada trimestre (sem estampilha)...	300
» » (com estampilha)...	350
Numero avulso.....	50
Annuncios, reelames communicados na 6.ª, 7.ª e 8.ª paginas, linha....	40
Toda a correspondencia deve ser dirigida a Albano Pires de Sousa, rua da Rainha n.º 120.	

ANNUNCIOS

JOAQUIM LOPES DE OLIVEIRA
ADVOCADO E NOTARIO
COM ESCRIPTORIO

NA

Praça Martins Sarmiento.
(largo do Carmo) 55.

Aos photographos e amadores
Chapas photographicas

Deposito drogaria Cunha Mendes, rua da Rainha, 35.

ARMAZEM DE VINHOS

DE
RODRIGUES PINHO & C.^ª

Villa Nova de Gaya

DEPOSITARIO EM GUIMARÃES

Albano Pires de Sousa
120—RUA DA RAINHA—122

Vinhos garantidos

(Preço sem garrafa)

Vinho Sande, garrafa (*)	100
» Meza	200
» Sol.	250
» Falerno	300
» Legitimo Secco	300
» Moscatel	400
» D. Luiz	500
» Generoso	800
» Branco Generoso	140
» " Reserva	1\$400

(*) *Este vinho escrupulosamente escolhido e engarrafado, é sem duvida o mais nutritivo e saudavel de todos que até hoje tem sido expostos á venda, podendo ser analisado por quem assim o entender, para se convencer da sua pureza e excellentê qualid.de, por que respondemos.*

N'este deposito fazem-se bons descontos aos snrs. revendedores.

TYPOGRAPHIA

DE

ALBANO PIRES DE SOUSA
ANTIGA SILVA CALDAS

120—Rua da Rainha—122—Guimarães

Impressão de bilhetes de visita desde 120 reis o cento; circulares, facturas, mapas, memoranduns, acções, cheques, envelopes timbrados e todos os mais impressos para commercio, camaras municipaes, administrações de concelho, repartições de fazenda, juntas de parochia, irmandades e cartorios; rotulos para pharmacia e para vinho; cartas funebres; programmas e bilhetes de espectaculos; recibos e diplomas para associações.

Trabalhos typographicos em todos os generos, desde o mais pequeno ao maior formato.

Preços de todas as obras sem competencia.

Carimbos de borracha, metal e madeira.